

A INSTALAÇÃO DO PÓLO HEMOFARMO DE PERNAMBUCO: transformações territoriais e desenvolvimento

Michel Saturnino Barboza[1]

Edvânia Tôrres Aguiar Gomes[2]

Abstract

The objective is to analyze the implementation process of the Polo Hemofarm of Pernambuco in critical perspective, identifying important alternatives to collaborate for the deployment of this enterprise, from the insertion of technological innovations and Public Policy generate different dynamics of the productive chain of Pharmacology in their different scales. The dialectical method in the development of procedures for the construction of Pole Hemofarm demonstrated significant in the analysis, however, is not present in the proposed methodology of this study a methodological constraint and, yes, a discussion and reflection on the method of analysis. For a better understanding of the installation of the pole of Goiana held a reading scenario of the pharmaceutical industry and the sectors that constitute complementary and supplementary practices at the Pole, enabling identification of the technological demands and the new arrangements and policies, in Goiana, as well as the state of Pernambuco.

Keywords: Pole. Developing. Industrial Complex.

Introdução

Um conjunto de transformações territoriais[3] vem sendo vivenciadas nos mais diversos rincões do Estado de Pernambuco no Brasil através da expansão de uma proposta de ampliação das bases produtivas e, de um modelo de gestão do território apoiado no crescimento econômico. As transformações se apresentam como produto de uma série de ações e objetivos dinamizados ao longo do processo de formação social, econômica e territorial do Brasil de repercussão na formação territorial pernambucana.

As alternativas brasileiras para o crescimento econômico no início do século XX encontraram na industrialização um processo repleto de obsolescência a partir do momento quando identificadas a produção de tecnologia[4] para a indústria. É importante ressaltar, que no caso brasileiro, as bases agropecuárias de produção até meados do século XX foram significativa na produção brasileira, e que nesse período foi realizado um esforço mediante as estruturas políticos e territoriais vigentes do que podemos denominar de industrialização brasileira.

Ao considerar as 'novas' tecnologias no processo de industrialização, as bases e unidades produtivas sofreram transformações profundas em relação aos modos operantes e propõem-se a refletir uma proposta de imperativo tecnológico apresentado como solução a maior produtividade industrial, mesmo que isso represente uma crise no mundo do trabalho.

O momento de inserção tecnológica nas indústrias é representativo nos países

capitalistas, de forma que os antigos processos são repetidos na medida em que o que é de mais 'novo' considerando o caráter tecnológico, surge ou se difundi nos territórios com expressão maior do poderio de capital[5], ao mesmo tempo, a difusão e a inserção tecnológica nos países periféricos ao contexto econômico e tecnológico deverão aguardar as chamadas obsolescências e/ou imposição do trabalho ao capital em forma de uso de novas tecnologias. O contexto apresentado é vivenciado nas diferentes esferas da vida social e econômica dos Estados[6].

O crescimento econômico apresenta-se como imperativo no Estado de Pernambuco para a melhoria da qualidade de vida da população quando apresentado pelo poder público, no entanto, a reprodução da dinâmica econômica no Estado não significa melhorias nos denominadores da qualidade de vida e bem-estar da população principalmente no que se refere às condições de possibilidades de participação dos contextos produtivos de maior impacto. O imperativo econômico é uma base importante para as transformações recentes e de caráter urbano-industrial e são pontuais as mudanças de situações das populações que vivenciam os menores índices de renda.

No momento, o Complexo Industrial e Portuário de Suape figura como o principal contexto produtivo industrial de Pernambuco. Podem-se somar ao complexo, outros pontos no território que trazem para o Estado uma dinâmica produtiva que não atende há uma lógica integrada aos pólos de produção gesseira, têxteis, pecuaristas, comerciais, tecnológicas e fruticultora associadas à produção de Suape como as mantenedoras da economia pernambucana atualmente.

Considerando as lógicas de produção do espaço de Pernambuco o papel do Estado como principal articulador da rede empresarial e os pontos no território, esse representa a reprodução do modo de produção capitalista ao inserir uma proposta de desenvolvimento de base econômica e sem perspectiva sustentável. Porém, a descentralização dos pontos dinâmicos do Estado e a recuperação de antigas plantas industriais surgem com fôlego para o recente desafio de associar crescimento econômico e desenvolvimento socioeconômico.

As bases de formação do Pólo Hemofarmaco de Pernambuco

O Estado conta com um conjunto de atores na formulação de iniciativas de ampliação de suas bases produtivas[7], que aparecem através das instituições, das empresas, do poder público e das iniciativas privadas. Pode-se afirmar que o cenário político dos últimos anos tem colaborado para que sejam apresentadas propostas de investimentos e de uma pseudo retomada das preocupações regionais, porém, com o formato da União. As ações se configuram como nacionais e o rebatimento é direto local, a exemplo, da Refinaria Abreu e Lima, do Estaleiro Atlântico Sul, da Hemobrás, Ferrovia Transnordestina e do Projeto de Integração de Bacias, conhecido esse último como Transposição do Rio São Francisco.

A proposta recente de inserir uma nova dinâmica por parte da gestão pública estadual em pontos de economias tradicionais, em especial, da cana-de-açúcar passou a integrar uma pauta de inserção de unidades produtivas de forma a contribuir para com o crescimento

econômico do Estado. Os imperativos da reprodução capitalista industrial se antecipam a organização das demandas sociais mais emergentes nesses territórios, de maneira, que a inserção da população nesses contextos produtivos são com limites de acesso.

As novas indústrias da Zona da Mata Setentrional Pernambucana se apóiam nos pilares da inovação[8] tecnológica e biotecnológica de produção. A indústria automobilística e a farmacoquímica, que exigem da estruturação do trabalho, uma amplitude de submissão ao capital de adensamento tecnológico e de concentração de conhecimento.

O raio de absorção da população regional nos motes apresentados resume-se aos princípios norteadores da instalação, pois, serão trabalhadores que expressam a condição de baixa escolaridade e de segura sazonalidade, podendo, se apresentar como uma possibilidade de alienação do trabalho frente às condições reais de geração de desenvolvimento local e regional. Assim, as contradições se ampliam e a submissão do trabalho ao capital se acentua, de forma, que as ilusões são comercializadas da chamada “fonte de prosperidade” para o território.

Os atuais modelos de gestão do território são investidos de especialidades e aparatos para que o território e todo conjunto de signos que o mesmo carregue consigo, possam, adaptar o conjunto legislativo para que as instalações das unidades produtivas perdure pelo tempo necessário a retroalimentação do sistema de reprodução do capital. Essa conjectura forma uma camada de proteção aos antigos fantasmas de instalação de infraestruturas e de pouco tempo de vida das unidades de produção, conforme vivenciou o Estado de Pernambuco, alguns anos passados. A necessidade de ‘novos’ espaços para empresas públicas e principalmente privadas fomentam uma sede de abertura para a sociedade civil um conjunto de possibilidades ao menos no âmbito da subjetividade da eminência do trabalho.

A constituição do Pólo Hemofarmaco de Pernambuco, no município de Goiana, constitui uma reprodução dos contextos produtivos já visualizados em diversos espaços no mundo, como por exemplo a França, Europa, Estados Unidos e Sudeste Asiático, mesmo com as particularidades produtivas propostas no Estado de Pernambuco. Dessa forma, pode-se identificar uma série de diferenças entre as noções de ‘pólo’[9] em Pernambuco, no que os países e regiões acima citadas denominam de ‘pólo’ em seus respectivos territórios.

A discussão amiúde da noção-conceito de Pólo é o ponto de partida para analisar as proposições, alternativas e ações na construção do Pólo Hemofarmaco de Goiana, que por sua vez apresenta uma nova possibilidade de desenvolvimento regional e territorial pautado nas recentes políticas de desenvolvimento econômico do governo pernambucano.

Em Pernambuco, constata-se um conjunto de Pólos que se inserem em uma lógica aglomeração produtiva de um produto ou de prestação de serviço comum e que não necessariamente estão imbuídos em seu cerne de uma associação de inovação, ou seja, de uma produção somada à pesquisa, desenvolvimento e inovação. Os Pólos pernambucanos se constituem na base da vocação produtiva local e de pontos esparsos nos territórios das atividades econômicas que outrora foram alvos de ações e investimentos públicos e privados.

Observa-se que a noção de Pólo em outras Unidades Federativas do Brasil (a exemplo de Goiás e São Paulo) é diferente da que se encontra em Pernambuco, e em especial a do Pólo Hemofarm de Goiana, onde se busca uma ampliação das atuais redes e cadeias produtivas regionais e locais como forma de dar sustento aos investimentos em uma produção inédita na Região Nordeste do Brasil, e em Pernambuco. Dessa discussão, que amplia as diferenças de organização sócio-espacial regionais dos pólos pontuados no território brasileiro para o Hemofarm de Pernambuco, constitui-se a necessidade inicial de debater a tese e os conceitos de Pólo, Distrito Industrial, Centro de Produção Tecnológica e de Inovação, Clusters, Meio e Sistema Nacional de Inovação.

A Empresa Brasileira de Hemoderivados e Biotecnologia (Hemobrás) é uma das empresas mais importantes no processo de instalação e funcionou como uma das principais forças motivadoras na idealização e formação do Pólo Hemofarm de Pernambuco. As bases da economia industrial são discutidas no estágio baseadas em (Rallet; Torre, 1995) onde a organização das empresas, as respectivas redes de produção e inovação, as economias próximas, as externas tecnologias associadas às concorrências entre as empresas e os territórios colaborará para a compreensão da respectiva formação produtiva e industrial no município de Goiana.

Na lógica da economia espacial a questão territorial é primordial para a definição da escala de análise do pólo, pois, quando verifica-se à atuação das empresas e seus raios de influência das atividades no/do pólo ainda encontram-se imensuráveis em sua amplitude. Pode-se afirmar que baseado em (Torre, 1995), o território apresenta-se como um tipo de organização industrial, e deverão ser verificadas as atuações dos proprietários econômicos públicos e privados.

As transformações territoriais da Zona da Mata Norte Pernambucana ao considerar os esforços do desenvolvimento e na inovação, o aporte do “Milieu Innovateur” por (Camagni, 1995) a partir de um conjunto de relações que une um sistema local de produção, um conjunto de atores, de representações e uma cultura industrial, geralmente em um processo dinâmico a partir de conhecimentos coletivos. Os esforços por parte da publicidade do Estado encontram-se exemplificado no anseio que tomando como empréstimo as contribuições de (Lamarlière; Staszak, 2000) a partir das análises sobre Pôle Consomation e Pôle de Production, de forma que as relações de fluxos materiais e imateriais existentes nos pólos.

O aprofundamento da necessidade de retomada do debate sobre a localização industrial e dos critérios adotados pelas empresas é uma emergência na compreensão do território e suas transformações, pelo governo do Estado de Pernambuco e Governo Federal, a partir do momento que decidem instalar o município de Goiana o Pólo Hemofarm de Pernambuco.

Considerações Finais

O pólo de Goiana figura como condição e processo como territórios de um conjunto de empresas, laboratórios de pesquisas e instituições de formação com o objetivo de desenvolver sinergias e cooperação. Nessa dinâmica propõem a participação dos governos locais e federais, e também um conjunto de assistência para os atores envolvidos na produção dos pólos.

O Pólo de Goiana não está fora de uma proposta baseada nos princípios apresentados, porém, se tomarmos o exemplo francês, dos Pólos de Competição, é muito peculiar no mundo inteiro e o objetivo desse conjunto produtivo é o da liderança de mercado e aumento da competição, quando no caso brasileiro há uma busca pela quebra da dependência externa na produção de fármacos e ampliação do desenvolvimento regional. Os processos envolvendo os sistemas de engenharias nas dimensões públicas e privadas, bem como o respectivo funcionamento no território em questão, articula-se com as possibilidades e mobilidades sociais propostas com a política industrial a ser desenvolvida na região de Goiana. As características socioeconômicas dessa região e das suas carências no que concerne a qualidade de vida da população e das ações em saúde e biotecnologia apresenta-se como desafios a realidade regional.

O Pólo Hemofarm desencadeia processos e fatores de atração do espaço pernambucano como possibilidade de investimentos e discurso da produção da inovação (SOLAL, 1992). Sendo assim, alguns aspectos tais como: a presença de um forte potencial de formação de recursos humanos (pesquisadores, médicos, farmacêuticos, biólogos, etc..), a existência de pessoal qualificado para as atividades do pólo e da sua respectiva cadeia produtiva, os níveis de remuneração, o contexto político favorável a instalação das indústrias, a acessibilidade aos mercados internacionais, as aglomerações produtivas regionais, devem estar alinhadas com os contextos externos que apenas pólo em funcionamento

Referências

- ALVES, Giovanni. Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.
- CAMAGNI, Roberto. Espace et temps dans le concept de milieu innovateurs. In : RALLET, Alain; TORRE, Andre. Économie industrielle et économie spatiale. Paris : Ed. Economica, 1995. P.193.
- LAMARLIÈRE, Isabelle Géneau de; STASZAK, Jean-François. Principes de Géographie économique. Paris : Bréal, 2000.
- MÉRENNE-SCHOUMAKER, Bernadette. La localisation des industries : enjeux et dynamiques. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2008.
- MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. (Tradução Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa). 2ª reimpr. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- PERROUX, François. O capitalismo. (Tradução de Gerson Souza). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.
- RALLET, Alain; TORRE, Andre. Économie industrielle et économie spatiale. Paris : Ed. Economica, 1995.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4.ed.4.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SANTOS, Milton. Economia Espacial: críticas e alternativas. 2.ed., 2.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

SOLAL, Eric. Les transformations dans l'industrie pharmaceutique. Conséquences sur les structures et l'organisation spatiale de la branche en France. Mémoire de Maîtrise de Géographie Industrielle. Université Paris 1, 1992.

[1] Mestre em Geografia. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica. Avenida Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50670-420, Brasil. Doutorando em Inovação Terapêutica da Universidade Federal de Pernambuco. michels.barboza@gmail.com.

[2] Doutora em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Ciências Geográficas. Avenida Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Cidade Universitária, Recife, PE, CEP: 50740-530. Professora Titular do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco. torres@ufpe.br.

[3] “As configurações territoriais são o conjunto dos sistemas naturais, herdados por uma determinada sociedade, e dos sistemas de engenharias, isto é, objetos técnicos e culturais historicamente estabelecidos. As configurações territoriais são apenas condição. Sua atualidade, isto é, significação real, advém das ações realizadas sobre elas”. (SANTOS; SILVEIRA, 2011: 248).

[4] “Os mencionados acréscimos de ciência, tecnologia e informação ao território são, ao mesmo tempo, produto e condição para o desenvolvimento de um trabalho material e de um trabalho intelectual, este tornado indispensável, já que antecede a produção”. (SANTOS; SILVEIRA, 2011:101).

[5] “O sistema do capital é formado por elementos inevitavelmente centrífugos (em conflito ou em oposição), complementados não somente pelo poder controlador da “mão invisível”, mas também pelas funções legais e políticas do Estado moderno”. (Mészáros, 2006:29).

[6] “Em muitos países, chamados atrasados, onde o processo de modernização foi tardio, as gerações se sucederam transmitindo umas às outras modos de vida baseados em atividades produtivas, relações de trabalho e formas de consumo cujo fundamento era buscado na própria história”. (SANTOS, 2008:250).

[7] “É por isso que o novo complexo de reestruturação produtiva que surge com a acumulação flexível apenas expõe, de certo modo, nas condições da crise estrutural do capital, o em-si flexível do estatuto ontológico-social do trabalho assalariado: por um lado, a sua **precarização** (e desqualificação), por outro lado, as novas **especializações** (e qualificações) de segmentos da classe dos trabalhadores assalariados”. (ALVES, 2011:14).

[8] “A reestruturação produtiva do capital, além de conceber a produção como totalidade social, integra hoje, com mais intensidade e amplitude e portanto, numa dimensão qualitativamente nova, inovação tecnológica, organizacional e sociometabólicas como momentos constitutivos do “todo

orgânico” da produção do capital”. (ALVES, 2011:36).

[9] “**Um pólo de desenvolvimento** é um conjunto de unidades econômicas motoras. As unidades motoras exercem, sobre outras unidades, certas influências que aumentam as dimensões destas últimas, aumentam-lhes as estruturas, mudam-lhes os tipos de organização e suscitam ou favorecem progressos econômicos medidos pelos indicadores estatísticos correntes, como, por exemplo, a elevação da produtividade real”. (PERROUX, 1961:60).